

Сергей Довлатов

Publicado com o apoio do
Instituto de Tradução (Rússia)



ИНСТИТУТ ПЕРЕВОДА

AD VERBUM

Parque Cultural

Serguei Dowlátov

Tradução do russo e prefácio

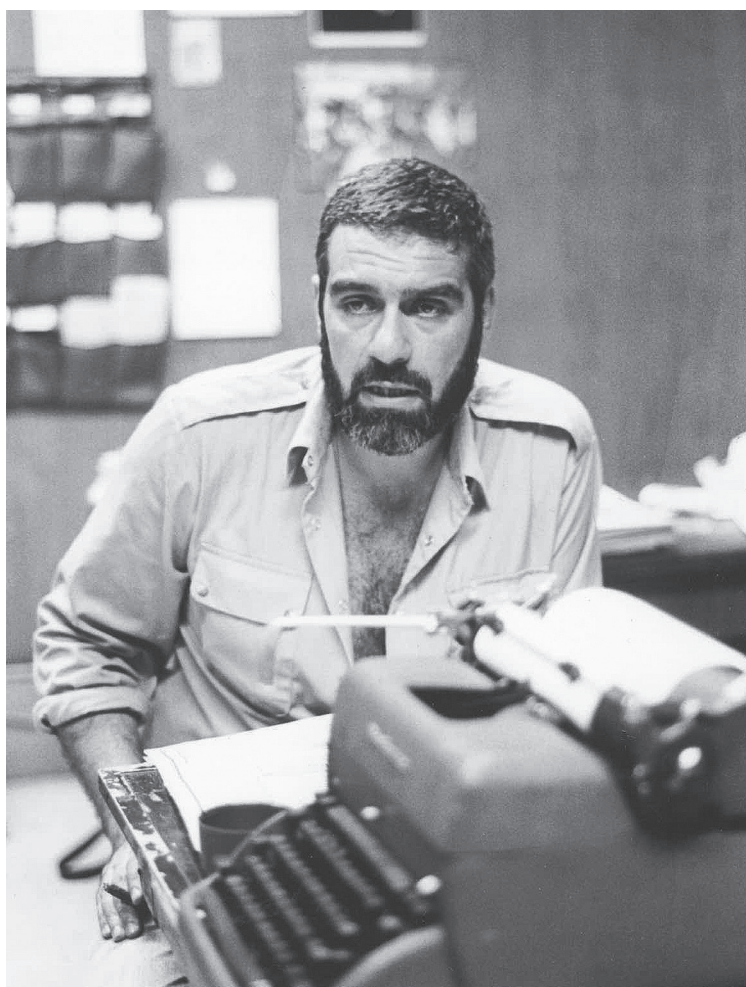
Yulia Mikaelyan

Capa

Fabio Flaks



KALINKA



Prefácio

Serguei Dovlátov, um escritor russo na América

Uma das marcas do estilo de Serguei Dovlátov (1941–1990) é o caráter aparentemente documental de sua prosa. A maioria de seus textos é escrita em primeira pessoa e o narrador possui traços físicos e psicológicos que lembram os de seu autor, recebendo, inclusive, o nome dele em algumas obras, como nos romances *Os nossos* (*Náchi*), *A mala* (*Tchemodan*) e *A troca* (*Kompromiss*). No entanto, como sublinhou o próprio Dovlátov, que afirmava que “os erros factuais eram parte de sua poética”,¹ esse aspecto documental é ilusório: seu gênero é a ficção. O escritor não segue fielmente os fatos de sua vida, mas recria-os em seu universo artístico.

Além de usar em seus textos acontecimentos pelos quais passou e lugares nos quais morou e trabalhou, Dovlátov baseava muitas de suas personagens em figuras conhecidas — parentes, colegas e amigos. Ele tornava visíveis as “fontes” de sua ficção e, como fazia com o narrador, atribuía a elas características reais, às vezes modificando minimamente os nomes de seus protótipos, para que estes fossem facilmente reconhecidos. Assim, em *Parque Cultural* (*Zapoviédnik*), o nome de Valéri Kárpov transformou-se em Valéri Márkov.

A natureza documental dos textos é manipulada o tempo todo. Dovlátov confunde o leitor, rompe o pacto com ele, mudando datas reais ou alterando o percurso do tempo, criando cidades ou contando um mesmo acontecimento de formas diferentes. Em *Parque Cultural*, por exemplo, o tempo corre ao contrário: junho vem depois de julho. Já o namoro do escritor com sua segunda mulher, Elena Dovlátova, personagem presente em quase todas as suas obras, recebe três versões, em *Parque Cultural*, *Os nossos* e *A mala*.

Valéri Popóv, autor da biografia *Dovlátov*, chama essa peculiaridade da poética do escritor de “talhar em carne viva”.² Evidentemente, nem todos os conhecidos gostaram de aparecer em seus textos como personagens cômicas — já que o humor é elemento invariável de sua criação. Muitas pessoas que lhe serviram de inspiração afirmaram depois que Dovlátov lhes atribuiu frases que nunca disseram ou atitudes que nunca tomaram ou que ele exagerara alguns de seus traços, tor-

1 VAIL, Piotr. Sem Dovlátov (*Bez Dovlátova*). *O desconhecido Dovlátov: coletânea*. (*Maloizvéstnyi Dovlátov: Sbórník*). São Petersburgo: AOZT *Jurnal Zvezdá*, 1996, p. 463.

2 POPÓV, Valéri. *Dovlátov*. Moscou: *Molodáia Gvárdia*, 2010, p. 151.

nando-as caricaturas. O jornalista Dmítri Kliónski, colega do escritor no jornal *Estônia soviética* (*Soviétskaia Estônia*), referindo-se à personagem que leva seu nome em *A troca*, afirmou que no livro “não havia sequer uma palavra de verdade sobre ele”.³

Porém, o objeto principal da ironia do universo dovlátoviano é a imagem do próprio escritor. Em suas narrativas, Dowlátov atribui a seu *alter ego* literário, muitas vezes de forma exagerada, todos os vícios de que padecia na vida real, ridicularizando sua aparência e suas fraquezas de caráter. O narrador dovlátoviano não é heroico, mas é justamente nesta anti-heroicidade que reside a simpatia de seus leitores.

A mistura entre vida e ficção na obra de Serguei Dowlátov, portanto, fascina e desconcerta os leitores, que, não raro, tomam as histórias narradas por verdadeiras, associando as personagens concretas e inventadas. Essa construção de “uma realidade paralela” era certamente um dos objetivos do autor e favoreceu a criação do mito em torno de sua personalidade e de sua vida. Como lembra o escritor Lev Lóssev, Dowlátov costumava dizer: “Sinto um orgulho especial quando me perguntam: ‘É isso aconteceu de verdade?’, ou quando meus parentes esclarecem meus contos e especificam os fatos segundo suas próprias lembranças. Isso significa que tomam minhas invenções por realidade”.⁴ Muitos viam no protagonista de suas obras, um alcoólatra mulherengo que levava uma vida semimarginal na União Soviética, o retrato fidedigno de seu criador. Mas sua personagem principal era também um produto de ficção, mesmo que possuísse características comuns com o próprio escritor. Ksana Mechik-Blank, sua meia-irmã por parte do pai, observa:

Serguei era, antes de tudo, um escritor, e depois vinha o resto. Como um bom escritor, transformava os acontecimentos de sua vida em uma prosa formidável que, no entanto, tinha muito pouco a ver com a realidade. Dowlátov, de fato, construiu um mito ao redor de si mesmo, no qual todos acreditavam. [...] Em sua prosa, construiu a imagem de um *outsider* que olhava para tudo ironicamente, com um olhar distanciado. Na vida real, naturalmente, era praticamente um antípoda dessa imagem. Contudo, perto de sua morte, pelo visto, ele converteu-se em seu *alter ego* literário, o que, no fim das contas, o arruinou”. (KOVÁLOVA, 2009, p.421)

3 KOVÁLOVA, Anna, LURIÉ, Lev. *Dowlátov*. São Petersburgo: Amfora, 2009, p. 199.

4 LÓSSEV, Lev. O escritor russo Serguei Dowlátov (*Rússkii píssátel Serguei Dowlátov*). S. *Dowlátov: o último livro* (Dowlátov, S. *Posliédniaia kniga*). São Petersburgo: Ázbuka, 2012, p.183.

Certamente, Mechik-Blank se refere às crises de alcoolismo do irmão, mais frequentes no fim da vida, vendo nisso uma trágica junção da pessoa e do mito Serguei Dowlátov. O alcoolismo, por sinal, é tema inseparável de sua poética: o escritor teve problemas com a bebida desde a juventude, e o tema sempre esteve presente em sua obra. O álcool desempenha diferentes funções nos textos de Dowlátov. Em primeiro lugar, é um elemento frequentemente usado para caracterizar suas personagens. Assim, no romance *A mala*, o narrador-protagonista, para ilustrar o abismo social que existe entre ele, um "fracassado crônico", e Andrei, seu amigo de infância, um matemático bem-sucedido, enumera as bebidas preferidas de cada grupo de amigos, além da assiduidade de consumo deles. Enquanto os conhecidos de Andrei, pessoas que pertenciam a uma classe privilegiada, bebiam conhaque e champanhe e apenas eventualmente, os amigos de Serguei, vindos de círculos boêmios e semimarginais, consumiam vinho do Porto barato produzido na União Soviética (*rózojvi portviém*) e com frequência.

Da mesma forma, Mikhal Iványtch, personagem de *Parque Cultural*, caracteriza as pessoas: "No ano passado uns judeus moraram aqui. Não posso dizer nada de ruim, gente culta... Nada de álcool de limpeza ou de água de colônia... Só branco, tinto e cerveja". (p. 55) Era comum na Rússia, na falta de bebidas alcoólicas, alguns consumirem produtos que tivessem álcool. Também achamos em seus textos idiossincrasias de bêbados, como os diferentes estados de embriaguez e de ressaca. O problema do alcoolismo da população russa era inegável no período de Brejnev. Como aponta Svetlana Boym, na década de 1970, o número de pessoas que sofria com esse problema aumentou consideravelmente e isso "era admitido como um fato da vida".⁵ A maioria das personagens masculinas de *Parque Cultural*, por exemplo, em um momento ou outro, passa por um acesso de bebedeira, o que é visto por todos como algo costumeiro. Ninguém fica perplexo ou indignado com a crise de Boris Alikhánov (*alter ego* de Dowlátov) e com suas andanças, completamente embriagado, pelo parque cultural: "ali uma bebedeira não seria capaz de surpreender ninguém". (p.146) É impossível não notar certa condescendência e até simpatia do narrador pelas personagens que não vivem sem o álcool, que também assume um papel de libertação e alento, um símbolo de boemia e liberdade. Note-se uma digressão de Alikhánov:

5 BOYM, S. *Common Places. Mythologies of Everyday Life in Russia*. Cambridge: Harvard University Press, 1994, p. 149

“Antes de ir pegar o chá, bebi uma e fiquei um pouco melhor. Há dezenas de livros sobre os males do álcool. Sobre seus benefícios, nenhuma brochura. Parece-me um erro”. (p.156)

Como o narrador em primeira pessoa (Serguei Dowlátov, Boris Alikhánov ou Serguei Dalmátov) aparece em narrativas que retratam períodos vividos pelo escritor, Ígor Sukhikh, um dos principais pesquisadores da obra de Dowlátov, afirma que “cada livro, é uma etapa, uma época da história da personagem principal da prosa dowlatoviana”.⁶ Dessa maneira, se lermos seus principais textos, *A zona* (*Zona*, 1982), *A troca* (1981), *O livro invisível* (1977), *Parque Cultural* (1983), *Os nossos* (1983), *A mala* (1986), *O ofício* (*Remesló*, 1985), nessa ordem, podemos acompanhar a trajetória do narrador que em muitos pontos coincide com a trajetória do autor. Vejamos...

Serguei Dowlátov, batizado Serguei Donátovitch Miétchik, nasceu no dia 3 de setembro de 1941 na cidade de Ufá, para onde sua família foi depois de ter sido evacuada de Leningrado, durante a Segunda Guerra Mundial. Fragmentos ligados à sua infância aparecem nos livros *Os nossos*, *O ofício* e *A mala*. Na época da guerra, por um breve período, o cultuado escritor Andrei Platónov (1899–1951), que Dowlátov imensamente admirava, também esteve em Ufá. Nas primeiras páginas de *O ofício* aparece um episódio curioso, no qual a mãe do protagonista, o pequeno Serioja (Serguei Dowlátov), passeia com o filho e cruza com um homem estranho e misterioso que aponta para ele e pede à mãe permissão para beliscá-lo. Nesse homem o protagonista depois reconheceria Andrei Platónov: “O fato é que Platónov morou mesmo em Ufá. Ainda que por pouquíssimo tempo, ao longo do mês de outubro de 1941. [...] O homem que queria me beliscar era Andrei Platónov”. Assim, em sua ficção, seu destino como escritor fora marcado desde os primeiros meses de vida: o grande autor soviético o abençoara e determinara a sua futura carreira.

A família voltou para Leningrado em 1944, cidade em que Dowlátov viveu a maior parte de sua vida e que sempre esteve muito presente em sua obra, mesmo durante os anos na emigração. Em muitos textos, Dowlátov, com detalhes históricos, descreve ruas, edifícios, restaurantes, pátios e quiosques de bebidas, lugares frequentados por ele e por seus amigos, além de lidar com diversos mitos da cidade, integrando-se à rica tradição dos textos de São Petersburgo, na qual se inserem autores como Aleksánder Púchkin, Nikolai Gógol e Fiódor

6 SUKHIKH, Ígor. *Serguei Dowlátov: época, lugar e destino* (*Serguei Dowlátov. Vriémia, miesto, sudbá*). São Petersburgo: *Niéstor – Istória*, 2006, p. 51.

Dostoiévski. Numa de suas colunas no jornal nova-iorquino *O novo americano* (*Nóvyi ameríkánets*), Dowlátov escreve sobre Leningrado: “Nem preciso dizer que não esqueci Leningrado e penso o tempo todo nela. Querem que eu enumere as placas de Barricada até Titan? Querem que os conduza pelos pátios da Rua Raziéjia até a Marat? [...]”⁷

O livro *Os nossos* apresenta uma verdadeira genealogia da família Dowlátov, obra em que o escritor, misturando, como de hábito, fatos reais e inventados, descreve os parentes que tiveram grande influência em sua vida, dos avôs aos filhos. Um capítulo do romance é, inclusive, dedicado à sua cachorra, Glacha, que depois Serguei levou consigo ao estrangeiro e tornou personagem de suas histórias.

A família do escritor pertencia à *intelligentsia*: sua mãe, Nora Stepánovna Dowlátova (1908–1995), de origem armênia, fora atriz de teatro na juventude, mas trabalhou a maior parte da vida como revisora, e o pai, Donat Moisséievitch Miétchik (1909-1995), judeu, era diretor teatral. Eles se separaram ainda na infância do filho, mas Dowlátov manteve uma boa relação com o pai e com sua nova família.

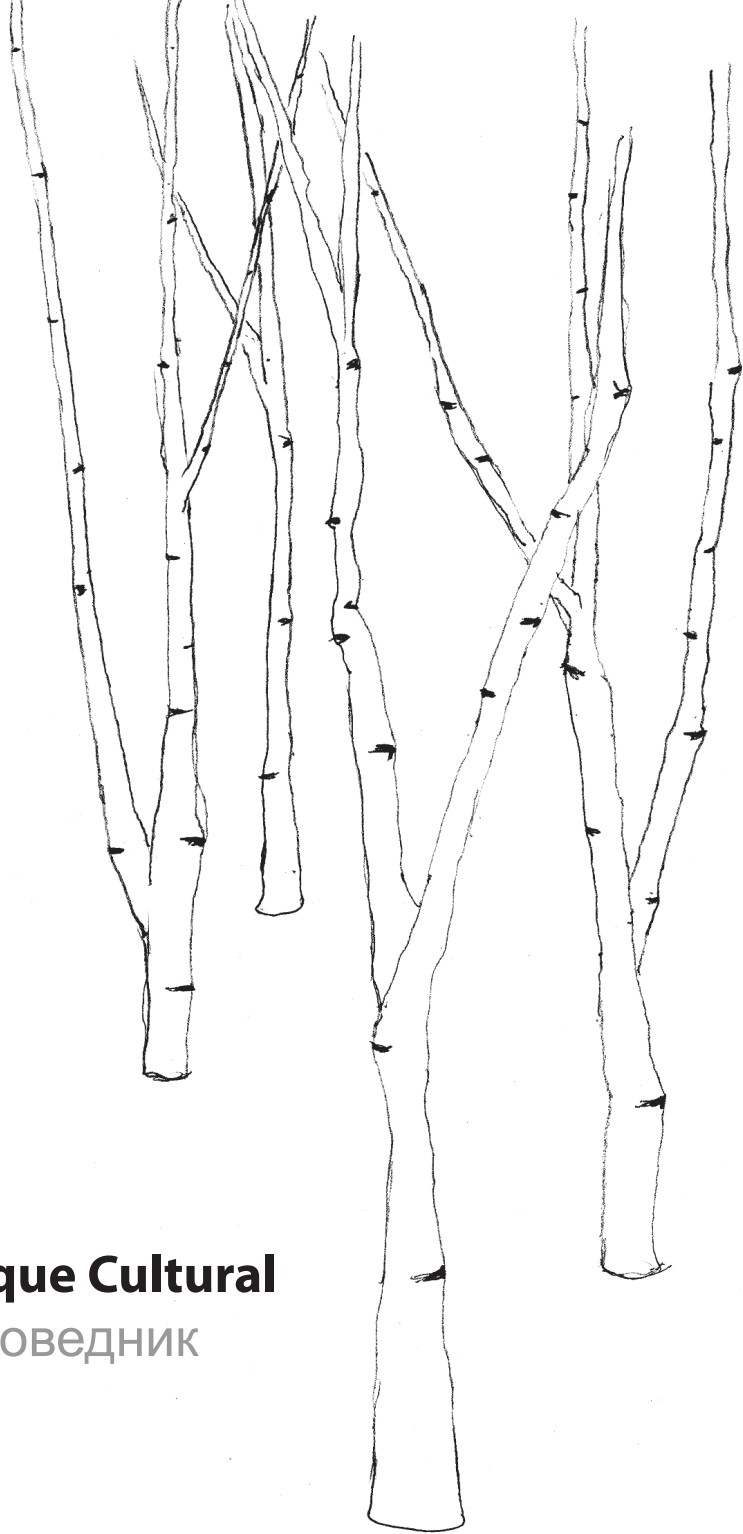
A tia por parte de mãe, Margarita Dowlátova, era uma famosa revisora literária de Leningrado que trabalhou com grandes escritores soviéticos, como Lúri Guérman (1910-1967) e Aleksei Tolstói (1883-1945). Por meio de sua tia, Serguei, ainda menino, conhecera importantes literatos que frequentavam a casa dela, o que, de certa forma, motivou seu interesse pela literatura. Ele atribuiu à tia Margarita a razão de sua amizade com o escritor satirista Mikhail Zóschenko (1894 – 1958), cuja criação dialoga com a sua e de quem, de certa maneira, se considerava um herdeiro.

Em 1959, Dowlátov ingressou na Faculdade de Letras da Universidade Estatal de Leningrado, no departamento de língua finlandesa, de onde foi expulso dois anos mais tarde. Com o humor peculiar, o escritor caracteriza no romance *A mala* os anos de faculdade: “Os prédios da universidade encontram-se na parte antiga da cidade. A combinação de água e de pedra gera ali uma atmosfera especial, majestosa. Nessa ambiência, era difícil ser um vagabundo, mas eu consegui”.

O período na universidade foi bastante fecundo para o desenvolvimento de sua literatura. Andrei Áriev, seu amigo, descreve o ambiente:

Quando estudávamos na Faculdade de Letras, fizemos uma descoberta assombrosa: em nossa literatura censurada, maltratada, ainda existiam bons escritores. [...] Vimos que na cidade ainda havia poe-

7 DOVLÁTOV, Serguei. *Discurso sem pretexto ou as colunas do editor* (*Rietch bez pódoda... ili Kolónki redákтора*). Moscou: Machaon e Fundo Internacional Serguei Dowlátov, 2006, p. 376.



Parque Cultural
Заповедник

À minha mulher, que tinha razão.

Ao meio-dia chegamos em Luga.¹ Paramos na praça da rodoviária. A jovem guia trocou o tom elevado por um mais prático:

— Ali à esquerda tem um lugarzinho...

Meu vizinho levantou-se, interessado:

— Quer dizer, o banheiro?

Ele ficou me torturando o caminho todo: "Material branqueador, de seis letras?... Animal artiodátilo em extinção?... Esquiador austríaco?..."

Os turistas saíram para a praça ensolarada. O motorista fechou a porta e se acorou ao lado do radiador.

A rodoviária... Um prédio amarelo meio sujo com colunas, relógio e letras trêmulas de neon descoradas pelo sol...

Atravessei o vestíbulo que tinha uma banca de jornais e lixeiras maciças de cimento. Intuitivamente, descobri a lanchonete.

— É com o garçom — pronunciou molemente a balconista.

Em seu peito caído balançava um saca-rolhas.

Sentei-me ao lado da porta. Em um minuto, apareceu o garçom com enormes suíças de feltro.²

— O que o senhor deseja?

— Desejo — eu disse — que todos sejam bons, modestos e gentis.

O garçom, farto da diversidade da vida, guardou silêncio.

— Desejo uma dose dupla de vodka, uma cerveja e dois sanduíches.

— Sanduíches de quê?

— Pode ser de língua...

Tirei o maço de cigarros, acendi um. As mãos tremiam feio. "Tomara que eu não deixe cair o copo..." Como se não bastasse,

1 Cidade na região de São Petersburgo.

2 Alusão ao poeta Aleksánder Púchkin (1799–1837), sempre retratado com suíças.

nesse momento, sentaram-se ao meu lado duas velhas do tipo intelectual. Acho que eram do nosso ônibus.

O garçom trouxe uma jarrinha, uma garrafa e dois bombons.

— Os sanduíches acabaram — pronunciou em tom fingidamente trágico.

Paguei a conta. Levantei o copo e, no ato, o abaixei. As mãos tremiam como se eu fosse um epiléptico. As velhas me observavam com nojo. Tentei sorrir:

— Olhem para mim com amor!

As velhas se sobressaltaram e mudaram de lugar. Ouvi indistintas interjeições de repreensão.

Que se danem, pensei. Apanhei o copo com as duas mãos, virei. Fazendo frufu, desembulhei um bombom.

Senti-me um pouco melhor. Nascia em mim uma falsa elevação de espírito. Enfiei a garrafa de cerveja no bolso. Depois, levantei-me, quase derrubando a cadeira. Ou melhor, uma poltrona de duralumínio. As velhas continuavam a me observar, assustadas.

Saí para a praça. A cerca do jardim estava coberta com painéis de compensado deformados. Os gráficos prometiam, num futuro próximo, montanhas de carne, lã, ovos e outras intimidades.

Os homens fumavam ao lado do ônibus. As mulheres acomodavam-se com ruído. A guia tomava um sorvete na sombra. Fui em sua direção.

— Vamos nos conhecer.

— Aurora — disse ela, estendendo a mão pegajosa.

— E eu sou o navio-tanque *Derbent*.³

A moça não se ofendeu.

3 *Táiker Derbent* (1938), novela de Lúri Krymov (1908–1941), considerada uma das obras clássicas do realismo socialista. Personagem faz alusão ao navio *Aurora*, que disparou o primeiro tiro da Revolução de Outubro de 1917.

— Todo mundo tira sarro do meu nome. Estou acostumada... O senhor está bem? Está vermelho!

— Asseguro que é só por fora. Por dentro sou um democrata constitucional.

— Não, sério, está se sentindo mal?

— Bebo muito... Quer cerveja?

— É por que bebe?

O que eu podia responder?

— É um segredo — digo —, um segredinho.

— Vai trabalhar no parque-museu?

— Exatamente.

— Eu logo imaginei.

— Será que eu tenho cara de filólogo?

— É que o Mitrofánov o acompanhava. É um puchkinista extremamente erudito. O senhor o conhece bem?

— Bem, mais por seu lado ruim.

— Como assim?

— Não dê atenção às minhas palavras.

— O senhor precisa ler Górdin, Schiógolev, Tsiavlóvskaia...⁴

As memórias de Kern...⁵ E alguma brochura popular sobre os males do álcool.

— Sabe, já li tanto sobre os males do álcool! Decidi definitivamente parar de... ler.

— É impossível conversar com o senhor.

O motorista olhou em nossa direção. Os excursionistas tomaram seus assentos.

Aurora terminou o sorvete, limpou os dedos.

4 Arkádi Górdin (1913–1997), Pável Schiógolev (1877–1931), Tatiana Tsiavlóvskaia (1897–1978), puchkinistas soviéticos.

5 Anna Kern (1800–1879), nobre russa, autora de memórias, ficou famosa pelo caso amoroso que teve com Púchkin, o qual lhe dedicou vários poemas.

— No verão — disse —, pagam bastante bem no parque. Mitrofánov ganha em torno de duzentos rublos.

— Duzentos rublos a mais do que ele vale.

— Ainda por cima é maldoso!

— Com essa vida, qualquer um seria.

O motorista buzinou duas vezes.

— Vamos — disse Aurora.

O ônibus para Lvóv estava apertado. Os assentos de percalina iam esquentando. As cortinas amarelas aumentavam a sensação de abafado.

Eu estava folheando *Os diários* de Aleksei Vulf.⁶ Ali se falava de Púchkin de um modo amigável, às vezes até condescendente. A proximidade prejudicou a avaliação. É óbvio que os gênios têm amigos. Mas quem irá acreditar que seu amigo é um gênio?!

Peguei no sono. Ouviam-se informações vagas e desnecessárias sobre a mãe de Ryléiev...⁷

Acordaram-me já em Pskóv. Os muros recém-estucados do krêmlin inspiravam tédio. Os designers puseram sobre o arco central um emblema de ferro detestável, de aspecto báltico. O krêmlin lembrava uma maquete de enormes dimensões.

Numa das alas, encontrava-se a agência de turismo local. Aurora carimbou alguns papéis e nos levaram ao *Hera*, o restaurante mais sofisticado do lugar.

Eu estava indeciso: beber ou não beber? Se bebesse, acordaria muito mal no dia seguinte. Estava sem fome...

Saí para o bulevar. As tílias farfalhavam num tom baixo e pesado.

6 Aleksei Vulf (1805–1881), autor de memórias e amigo próximo de Púchkin.

7 Kondráti Ryléiev (1795–1826), poeta russo, um dos cinco líderes executados da Revolta Dezembrista.

Há muito tempo me convenci de uma coisa: basta começar a pensar e a gente logo se lembra de algo triste. Por exemplo, a última conversa com minha esposa...

— Até seu amor pelas palavras, esse amor louco, doentio, patológico... é falso. É apenas uma tentativa de justificar a vida que você leva. E você leva uma vida de escritor famoso sem a menor condição para isso. Com seus vícios, deveria ser, no mínimo, um Hemingway.

— Você acha mesmo que ele é um bom escritor? E Jack London, você também acha que ele é um bom escritor?

— Céus! O que Jack London tem a ver com isso? A minha única bota está no prego... Eu posso perdoar tudo. E a pobreza não me assusta... Tudo, menos a traição!

— O que você quer dizer com isso?

— Sua eterna bebedeira. Seu... Nem quero falar. Não se pode ser artista à custa de outra pessoa. Isso é infame! Você fala tanto de nobreza! Mas você mesmo é um homem frio, cruel, malicioso...

— Não esqueça que faz vinte anos que eu escrevo.

— Quer escrever um grande livro? Um entre milhões consegue fazer isso!

— E daí? Do ponto de vista moral, uma tentativa fracassada equivale a um grande livro. Se quiser, moralmente é até superior. Pois exclui a remuneração...

— São palavras. Palavras lindas e infinitas... Cansei. Eu tenho uma filha pela qual sou responsável...

— Eu também tenho uma filha.

— Que você ignora há meses. Para você, somos duas estranhas.

(Em conversas com as mulheres há um momento doloroso.